

A OUSADIA UTÓPICO-POSITIVISTA ENQUANTO PRÁTICA MORAL DO HOMEM DE CIÊNCIA

Lutecildo Fanticelli¹

Resumo: Com este trabalho o que se pretende é apresentar a tese de Saint-Simon e de Auguste Comte, sobretudo, a deste último, a partir de uma ótica estritamente ética. Uma ética, por sua vez, focada na ciência. Ambos os pensadores eram fascinados pela ciência. Criam nela como um meio para atingir a redenção da humanidade. Mas pensar a ciência genuína, sem pensar a ética, corre-se o risco de se atingir a barbárie. É indiscutível que o homem de ciência tem de ser, em princípio, um homem do bem. Via de regra, filosofia e ciência, por natureza são inseparáveis da ética. Não se pretende focar o famigerado positivismo político, já muito esquadrihado nas sociologias. Ao contrário, pretende-se perguntar pela intencionalidade, pela responsabilidade e, sobretudo, pela abnegação do homem de ciência enquanto indivíduo. Ao invés de um Comte conservador, por ora, pense-se nele, portanto, como um venerador da ciência. Esta é, por sua vez, não uma varinha mágica, mas um instrumento real e eficaz quando manuseado com a razão plena. E esta, por sua vez, pressupõe a moral, pois a racionalidade pressupõe a moralidade.

Palavras-chave: Panaceia. Cientificismo. Positivismo. Utopismo.

1 Observações essenciais sobre a tese científicista de Augusto Comte

A filosofia positivista de Auguste Comte em seu aspecto puramente científico é uma espécie de proposta de redenção para a humanidade sofrida. Em princípio, é preciso ter em mente apenas o positivismo em sentido estritamente científico, isento de toda e qualquer conotação política. Todo estudioso sensato das ciências humanas tende a reconhecer que Comte tinha os seus méritos. Se pensarmos a ciência apenas enquanto ciência técnica e experimental, Saint-Simon e Augusto Comte, em parte, estavam certos. Se esse for o caso, então o positivismo parece adaptável a qualquer outra ideologia. Este artigo, por conseguinte, põe de lado, o positivismo político em prol do científicismo.

A proposta científicista de Comte tem, em princípio, pleno sentido e em grande parte, a história mostrou que ele tinha muita razão. Para alguns, ele era um excêntrico e para outros, um extremista, mas o bom estudioso da filosofia está ciente de que só se faz uma filosofia nova por meio da ousadia. Se não tivessem existido pessoas ousadas, a ciência e a cultura em geral se manteria estagnada. Pessoas como Comte, Schopenhauer, Marx, Nietzsche e Freud, entre outros, são alguns exemplos de que o avanço na história cultural se deu através de propostas pouco convencionais. De um ponto de vista político, Comte é, muitas vezes, visto como um filósofo que defende os ricos. Enfim, um opróbrio, pois não aborda os problemas dos trabalhadores de modo específico. Contudo, foquemos apenas a sua contribuição como positivista científicista.

¹ Professor da área de Ética e Conhecimento na Universidade de Passo Fundo. Contato: lutecildo@gmail.com

O positivismo comteano tem defeitos sérios em todas as suas facetas. É importante observar que não só os intelectuais esquerdistas se opuseram à sua ortodoxia, seus próprios seguidores logo perceberam os exageros, as incoerências e os erros de subestimação (MESQUITA, 2012, p. 23-24). Todavia, ele estava certo quando pressupunha que a ciência pode se tornar uma panaceia para a humanidade sofredora. Em outros termos, a tese de Comte nos induz a sustentar que por meio da ciência (ou tecnologia) é possível criar um mundo perfeito. Ao menos em parte, o seu pensamento parece nos induzir a isso (Cf. MESQUITA, 2012, p. 42). E como iremos observar, alguns dos princípios comteanos estavam certos.

2 As afinidades entre ética e racionalidade

O filósofo é o homem racional, é um homem das ciências teóricas ou seja, ele é da área das humanidades. Se ele é, portanto, um homem racional, isso faz com que ele seja moral, pois a racionalidade está impregnada à razão. Ressalte-se o fato de que a racionalidade e a moralidade são coisas inerentes e inseparáveis do ser humano. Razão e moralidade moram juntas na psique humana. O homem racional, enquanto tal, é também um homem moral. E, além disso, os homens de ciência, em geral, são pessoas que trabalham com o intelecto, com aquele “órgão”, no qual está instalada a moral.

É importante frisar que, ao dizer que o homem é um ser moral não é o mesmo que dizer que ele é íntegro ou justo. Todos os homens em seu juízo normal são seres racionais, mas isso não é o mesmo que dizer que todos são justos. Esta é uma outra questão. Em outros termos, dizer que todos são racionais, quer dizer que todos têm o bom senso, todos têm capacidades, todos tem plena liberdade para raciocinar e agir corretamente.

Os primeiros estoicos acreditavam muito na capacidade racional humana. Para eles, basta-nos seguir a natureza e pronto. Se o fizermos, estaremos vivendo corretamente (REALE, 1993, p. 328). E para eles, seguir a natureza é nada mais que seguir a razão. Inicialmente parece plausível e até agradável, supor que fazer ciência é também fazer moral. A filosofia desde sempre, de um modo geral, pressupõe a ética (*Tht.172c-177c*). Assim sendo, então parece razoável perguntar: por que o pesquisador, ou seja, por que qualquer homem de ciência não é necessariamente um homem virtuoso, pio ou íntegro? A essa altura vale a pena abordar o positivismo cientificista também com uma dosagem humeana, segundo a qual, a própria razão é puro sentimento (ROVIGHI, 2015, p. 271; ABBAGNANO, 1970, p. 148). Suponha-se que a

racionalidade é moralidade e que a moralidade contém sentimentos virtuosos, entre eles a caridade².

O homem de ciência, no sentido comtiano é, nesse caso um homem do bem. No contexto estritamente positivista, ou seja, de acordo com a religião da Humanidade, o homem de ciência é o homem de Deus que vive e faz a vontade de Deus. O genuíno homem de ciência, seguindo as prescrições comtiana é alguém com uma missão: levar a paz ao mundo. Positivizar o mundo é cientificá-lo. Comte chegou até mesmo a se dirigir a um Superior Geral Jesuíta a fim de discutir a sua utopia. Poucos sabem que o termo altruísmo, cujo significado é agir (de modo totalmente desinteressado) foi um termo cunhado por Comte (MESQUITA, 2012, p. 24; 11). Afinal, ao criar artefatos, medicamentos ou vacinas, o homem de ciência está provavelmente se colocando no lugar da humanidade. Noutros termos, ele concretiza, a regra de ouro da moral (MESQUITA, 2012, p. 85).

Ao homem de ciência cabe fazer pesquisas, livre de preconceitos. E isso vale em relação a Augusto Comte. Querer avaliá-lo pronta e totalmente como um pensador do mal é, na verdade, uma atitude preconceituosa. Ele, com certeza, tinha suas limitações humanas, como qualquer outro pensador. Frustrações, crises nervosas, tentativa de suicídio e alguns comportamentos, às vezes, aparentemente insanos (COPLESTON, 1994, p. 75).

3 Hipótese da inseparabilidade entre ciência e virtude

Seria maravilhoso se a ciência fosse, de fato, inseparável da virtude, ou seja, seria encantador se todo o homem de ciência fosse por natureza um homem virtuoso. Contudo, nada garante, por exemplo, que um determinado artefato criado com objetivos salutares, sofra modificações para fins perniciosos. Mas sabemos que não são exatamente os próprios cientistas que, em princípio, aplicam os seus inventos com fins perniciosos. Não fora o próprio Nietzsche, por exemplo, quem elogiou o nazismo. Aliás, a ciência só é sinônimo de poder quando está em mãos equivocadas (ROONEY, 2015, p. 98).

Contudo, alguns sofistas, ao que parece, usavam a ciência, movidos pela vaidade, não com o objetivo de melhorar o mundo. Isso é o que sabemos através de Platão (*Grg.* 462b-463c). Afinal, o próprio Sócrates fora acusado por haver usado o seu conhecimento com finalidades perversas. É que ser acusado de corruptor da juventude (XENOFONTE, *Apol.* II, 10; *Euthphr.*

² Augusto Comte, ele próprio, no prefácio do seu *Catecismo positivista*, admitia que Hume era um dos seus legítimos predecessores. Cf. COMTE, 1988, p. 67.

5a-b; *Ap.* 25e-26a) é o mesmo que ser acusado de usar a ciência pedagógica para assolar a sociedade. Contudo, somos sabedores de que a condenação de Sócrates fora motivada por razões políticas.

É importante lembrar que muitos erros são praticados (às vezes) de modo inconsciente. No campo da moral nem sempre o agente moral se apercebe de que a doutrina que defende tende a levar a um fim pernicioso. Nesse caso, parece natural que qualquer teoria filosófica sobre a sociedade tende a se tornar um dogma, sempre quando ela mesma for uma teoria formidável e genial. É que parece natural supor que se algumas pessoas têm consigo a fórmula da felicidade, não há razões para contestá-las. Se, estão de posse de toda a verdade, então elas têm a missão de morrer por ela. Nesse caso, o fato de o positivismo ter sido considerado uma grande lei, descoberta por Comte, acaba por se tornar um motivo para os seus seguidores transformá-lo num dogma (COMTE, 1988, p. 3).

4 A ingenuidade e a intenção fraternal piedosa comtiana e sansimoniana

É muito provável que Comte tivesse em mente a melhor das intenções, ao propor a sua doutrina filosófica. Contudo, subestimou a natureza corruptível daquela que ele indicara como objeto de culto, isto é, a Humanidade. Esta é, por assim dizer, digna de louvor, mas, ao mesmo tempo, propensa a apostasia, ao ponto de perder todo o direito de ser venerada.

Parece natural perguntar, por que o próprio catolicismo não pode ser considerado um positivismo? Afinal, o Vaticano, em parte, foi o fundador das primeiras universidades (ROSSATO, 2005, p. 17) e os padres jesuítas são verdadeiros intelectuais. Mas a missão última da Igreja Católica não é a ciência, é o reino de Deus. A Igreja é uma religião ao modo metafísico e o comtismo é uma religião ao modo laico. É uma religião positiva e visa fazer os homens se tornarem felizes aqui mesmo, na esfera terrestre. E a seu serviço está a ciência, com o fito de conduzir a humanidade à felicidade plena.

Com efeito, Saint-Simon foi quem focou de modo mais específico a primordialidade do cientificismo, significando mais propriamente a tecnologia. O positivismo cientificista de Augusto Comte abarca, na verdade, alguns outros pensadores importantes, também entusiastas do cientificismo, entre eles Francis Bacon (COMTE, 1988, p. 13), para quem a ciência deve estar sempre a serviço do homem, no sentido em que deve promover o bem estar propriamente dito.

Saint-Simon enxergou nos banqueiros, engenheiros e nos industriais, por assim dizer, o dispositivo determinante para o progresso social. Mas ao mesmo tempo defendia a supressão da propriedade privada e da ociosidade (MONDIN, 1981, p. 114). As suas ideias eram claramente, ideias socialistas e pressupunham a moralidade, pois ele também alegava a imprescindibilidade do amor. Aliás, é, ao que parece, por meio do impulso do amor que os benefícios oriundos das ciências iriam chegar a todos (MONDIN, 1981, p. 114). É óbvio que uma filosofia cujo objetivo é concretizar o bem estar geral, é, em princípio, uma iniciativa moral, piedosa e altruísta. Vale ressaltar que ao falar em industriais, Saint-Simon se referia tanto aos empresários quanto aos operários (BEDESCHI, 2000, p. 208).

Suponha-se uma sociedade, na qual abundam as mentes empreendedoras, ou seja, uma sociedade, na qual nascem muitos homens de espírito empreendedor. E, além disso, suponha-se que muitos deles sejam empreendedores industriais. Afinal, as indústrias são o tipo de empresas que geram grandes riquezas e promovem um forte giro financeiro. Padrões de vida elevados são, na verdade, os das sociedades industrializadas. Suponhamos, então, uma sociedade de industriais e de banqueiros muito bem sucedidos, todos íntegros e realmente virtuosos. Suponha-se também um enorme contingente de engenheiros e de bioquímicos, também íntegros e a serviço da Santa Humanidade.

Em princípio, a tese de Saint-Simon é louvável. Se a tese utópico-positivista significar o fomento à industrialização mundial, ela com certeza será louvável. E se industrialização significa a facilitação e o melhoramento de toda a Humanidade, será louvável ainda mais.

5 A aquisição do hábito científico enquanto aquisição ética

De acordo com Aristóteles, a virtude é algo que pode ser obtido por meio do hábito (*Ét. Nic. A*, 1099 b 15-17; *K*, 1179a 22-28). Essa é uma tese que, ao que parece, tende a acarretar a concretização de uma sociedade adoecida, isto é, de uma sociedade composta por pessoas pouco felizes. É que uma vez sendo virtuoso, apenas pelo mero hábito, o indivíduo estará propenso ao vazio suscitado pela rotina. Parece pouco plausível a tese de que a virtude pode ser atingida pelo mero hábito. Na melhor das hipóteses, parece plausível afirmar que parte da virtude pode ser obtida desse modo. É que uma sociedade, na qual as pessoas são todas virtuosas, em princípio, é uma sociedade em que há ordem. Vista de fora, parecerá uma sociedade perfeita. Tudo nela funciona. Aliás, quase tudo, pois resta perguntar se seus cidadãos são realmente felizes. Um cientista, por exemplo, está sujeito a ser um inventor de medicamentos, motivado

apenas pela emulação. O espírito de concorrência e de emulação pode ser tão forte entre os cientistas, de modo que toda a sua investigação poderá ficar sem sentido. Nessa sociedade, todos os cientistas e todos os filósofos pesquisadores são virtuosos, porém sujeitos a serem infelizes o tempo inteiro. E, além disso, estamos cientes de que a atividade científica não é, em princípio, uma atividade entretenedora. Um investigador feliz é aquele que exerce a sua atividade, movido pela pura vocação. Como qualquer outro operador, o pesquisador tem de ser vocacionado para poder ser feliz da melhor forma possível. Mas mesmo nessas condições, ele ainda está sujeito (como qualquer outro profissional) a cometer erros morais.

6 A ciência é imprescindível, mas não o bastante

Enfim, a ética acaba por não ser capaz de garantir um sucesso coletivo, a concretização de uma sociedade de homens de ciência, todos virtuosos, por ora não passa de uma hipótese. Não parece possível fazer com que a ciência se torne apazível como um entretenimento. A rotina da pesquisa científica é, muitas vezes, algo estressante devido a exigência de concentração. As decisões e os juízos emitidos pelo homem de ciência, requerem muita precisão. O mundo, ou seja, as pessoas requerem perfeição nos produtos da ciência. Requerem, por exemplo, que os *airbags* dos automóveis, sejam de uma ótima qualidade. Às vezes, infelizmente até mesmo sob testes rigorosos, os produtos da ciência acabam por apresentar falhas.

O homem de ciência como qualquer outro ser humano está sujeito a ser uma pessoa virtuosa por décadas, porém tornar-se imoral na sua última semana de vida. A ciência com certeza, nunca será capaz de nos garantir a virtude na sua forma mais sublime. Ela poderá fazer-nos mais felizes, enquanto beneficiários, isto é, pela sofisticação que ela proporciona.

É bem provável que só os Estados Unidos e o Japão sozinhos, sejam capazes de produzir comida para o mundo inteiro. A parafernália tecnológica certamente daria conta disso. Bastaria haver poder aquisitivo por parte de todos, livre comércio, etc.

Teoricamente a tecnologia é sim uma panaceia, aliás, potencialmente ela é uma panaceia. As maquinarias já existentes são, com certeza, eficientes até demais. “Mas a tecnologia *não*³ resolve todos os problemas do mundo por conta própria” (PARISER, 2012, p. 160). Infelizmente a ciência que produz comida, ela mesma, também produz bombas nucleares. E, com efeito, a humanidade corre o risco de ao invés de paraíso, encontrar o armagedom. Nesse

³ Grifo do autor.

caso, ao invés de evolução, teríamos uma enorme regressão moral. O próprio Comte, ao preconizar uma religião positivista, estaria regredindo ao estágio metafísico (MESQUITA, 2012, p. 24). São inúmeras as razões que podem fazer com que o positivismo cientificista de Saint-Simon e de Comte não sejam concretizados. Além dos desvios perniciosos que a ciência está sujeita a sofrer, o futuro é incerto em qualquer ciência experimental.

Vale ressaltar que o ser humano não é apenas um ser racional e moral, tal como fora estabelecido anteriormente. Ele é também um ser fantasioso, romântico e artístico. Enfim, o mesmo homem de ciência, é também um homem do mito. É, na verdade impossível desprender completamente a ciência do mito. Embora a ciência tenha surgido dessa forma, isto é, com pretensão de separar-se do mito, sabemos que, de algum modo, ela própria é inseparável dele. Mas o que é o mito? É o contrário da razão: é aquilo que não segue uma lógica. As religiões e as mitologias são parte do mito. É dever do homem de ciência agir desprendidamente de toda forma de motivação mitológica. Contudo isso não significa que ele está desprendido. Esse é um dilema insolúvel, mas que não invalida a ciência, nem a ética. Um juiz, por exemplo, enquanto racional, não pode julgar pela mera paixão, pois fazendo assim estaria agindo de acordo com o mito. Contudo, o próprio homem é parte de um mito maior. Observe-se, por exemplo, a questão da epiqueia a que, vez por outra, um juiz profissional ou mesmo qualquer pessoa, precisa estar preparada para enfrentar.

Na verdade, uma coisa é ser o cientista ou o pesquisador acadêmico que produz ciência, outra é ser o beneficiário dela. O que está em questão não é a ética dos cidadãos em geral, mas a do homem que faz a ciência. Seria maravilhoso se todo e qualquer homem de ciência fosse necessariamente um homem íntegro. Sabemos que não é. A tese de Saint-Simon e, sobretudo a de Comte, pareciam pressupor que os praticantes da ciência e os beneficiários dela tendem a ser virtuosos. Eles não o frisaram, mas o discurso deles parece nos motivar a deduzir isso.

Grande parte do positivismo comtista não é nem um pouquinho importante em nossos dias. Os templos, o novo calendário, por exemplo, sequer tem algum sentido. Mas a sua proposta cientificista é imprescindível.

Não se pode falar em ética genuína, pressupondo que para ser virtuoso ou justo é preciso ser infeliz. Às vezes, estamos tentados a pensar que para ser uma pessoa íntegra é preciso sofrer e ser infeliz. Ser uma pessoa do bem não significa estar em constante suplício. Noutros termos, somos tentados a supor que para ser corretos em sociedade, é preciso um esforço martirizante a todo tempo. Ser pontual, ser honesto, ser estudioso, ser educado e nunca revidar uma agressão, etc., acaba por ser concebido como o estilo de um cidadão sofredor. A tese de Trasímaco

provavelmente pode induzir a isso, mas não há aqui espaço algum para Trasímaco (*R.* II 359a; 361a).

O homem de ciência não é nem pouquinho superior ao camponês que labuta só com a enxada. Ambos são felizes ao seu modo. Mas o homem de ciência tem sim uma importância estratégica neste mundo. Ao invés de ele suplicar aos deuses, pela cura de uma doença, ele investiga arduamente até ele próprio encontrar essa cura por meio de fármacos. Comte parecia partir desse princípio e certamente pensava que nós mesmos somos capazes de modificar o mundo, até transformá-lo no melhor de todos. É nesse sentido que a ciência é inseparável da ética. É que a sua labuta investigativa é uma atividade, por assim dizer, sacratíssima. E, enquanto tal, ela é admirável, pois tudo o que é sagrado é bom. Nesse caso, subentende-se que o conceito de divindade simboliza tudo aquilo que é bom.

De uma coisa podemos estar bem certos: o mundo deve muito aos cientistas. O investigador, quer das ciências experimentais, quer das ciências teóricas, tem o potencial para ser uma pessoa do bem pelo mero fato de ser um investigador. Mas não se pode dizer que por ser investigador, ele necessariamente é um homem bom.

Suponha-se um investigador que descobriu uma dezena de vacinas, por meio das quais, dez doenças milenares foram erradicadas. Ele seria obviamente classificado como um herói mundial. Mas suponha-se que tivesse sido também descoberto, logo em seguida, que ele havia praticado muitos crimes graves, incluindo estupros. O mundo o perdoaria? É bem provável que os que habitam do outro lado do planeta e que nunca o viram, sequer estariam preocupados com isso. Nenhuma pessoa sensata iria deixar de se vacinar e ficar imune das dez doenças, em função dos crimes que ele cometeu. Por outro lado, as vítimas imediatas não o iriam tolerar com facilidade. Agora então podemos perguntar: esse imaginário herói mundial, é mesmo um herói ou um criminoso? De certo modo, ele é as duas coisas.

Conclusão

É a essas horas que precisamos ter em mente o fato de que a ética não é nem um pouco uma ciência exata. Ao contrário, ela se situa entre o grupo das ciências que são as menos exatas. Entretanto, vale a pena estudá-la e vale a pena ser uma pessoa virtuosa da melhor forma possível. É que de uma coisa podemos estar bem certos: se todos (ou a grande maioria) das pessoas fossem virtuosas, todos seriam felizes. Quando se trata realmente de virtude

(integridade ou piedade), propriamente ditas, a felicidade é algo que lhe acompanha impreterivelmente.

Os homens de ciência não são necessariamente íntegros ou virtuosos. Nem mesmo sendo um herói universal, é garantia de ser virtuoso de modo genuíno. Contudo, a ciência sempre há de ser um bem quando manuseada por homens do bem.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Lisboa: Presença, 1970. v. VII.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. de António Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

BEDESCHI, Giuseppe. *Comunismo*. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11. ed. Brasília: UnB, 2000. v. 1.

COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).

MONDIN, B. *Curso de filosofia: os filósofos do ocidente*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1981.

PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PLATÃO. *República*. Trad. Maria H. da R. Pereira. Lisboa: FCG, 1989.

_____. *Teeteto*. Trad. de Adriana M. Nogueira e M. Boeri. Lisboa: FCG, 2005.

_____. *Apologia de Sócrates, Êutifron, Críton*. Trad. de José Trindade Santos. 4. ed. Lisboa: INCM, 1993.

_____. *Górgias*. Trad. de Manuel de O. Pulquério. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2000.

REALE, G. *História da filosofia antiga: os sistemas da era helenística*. São Paulo: Loyola, 1993. v. 3.

ROONEY, Anne. *A história da filosofia: da Grécia antiga aos tempos modernos*. São Paulo: M.Books, 2015.

ROSSATO, R. *Universidade: nove séculos de história*. 2. ed. rev. e ampl. Passo Fundo: UPF, 2005.

ROVIGUI, Sofia Vanni. *História da filosofia contemporânea: do século XIX à neoescolástica*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

XENOFONTE. Apologia de Sócrates. In: *Platão; Xenofonte: Aristófanes*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores).